

Análise de construções discursivas do Rio de Janeiro em relatos de viajantes no século XIX. Uma abordagem interdisciplinar.

Luiz Barros Montez

Resumo:

Os relatos de viajantes são considerados como fontes extremamente relevantes para a escrita da história do Brasil do século XIX. No entanto, embora eles se constituam como construções discursivas, a linguagem que lhes é subjacente é com frequência considerada pelo historiador apenas como uma espécie de “receptáculo”, que se limita a abrigar de forma neutra “fatos” e informações históricas “positivas”. A presente comunicação aponta, neste sentido, alguns elementos para uma abordagem lingüística adequada em exemplos de relatos de viajantes alemães no Rio de Janeiro da primeira metade do século XIX.

Abstract:

The reports of travellers are considered to be extremely important sources for telling the history of Brazil in the XIXth century. Although they are, however, discursive constructs, their modulating language is frequently took into consideration by the historian just like a kind of “shelter” which is limited to cope neutrally with facts and historical datas in a positivist way. The present paper focuses thus some elements for an adequate linguistical approach in samples of reports of German travellers that were in Rio de Janeiro in the XIXth century.

Palavras-chave: relatos de viagens – Rio de Janeiro nos séculos XVIII e XIX – história e linguagem – análise do discurso

Key-words: reports of travellers – Rio de Janeiro in the XIXth century – history and language – discourse analysis

1. Introdução.

É amplamente reconhecido o fato de que os relatos dos viajantes estrangeiros no Brasil do passado formam um importante conjunto de textos que serve de análise para as investigações de nossa história, não importando quais metodologias ou orientações filosóficas estejam por trás das angulações assumidas por cada investigador em particular. E – excetuando os historiadores mais renitentemente marcados pelo positivismo – é igualmente reconhecida por círculos cada vez mais amplos de historiadores a materialidade histórica destes relatos em si mesmos, ou seja, a sua concretude social enquanto ação discursiva positivamente empregada em cada momento histórico específico. À medida que os estudos da linguagem voltados para a análise do discurso se projetam, influenciando e se deixando influenciar, sobre as áreas que lhe são adjacentes – vale dizer, sobre todas as “ciências do

espírito” sem exceção, haja vista que todas elas são atravessadas pelo fenômeno da significação verbal¹ – estes relatos vão sendo reconhecidos como um *corpus* com funções muito mais amplas do que simplesmente a função de “espelharem” ou “representarem” a realidade de cada momento histórico específico.

Sendo mais específico: os relatos de viajantes vão sendo percebidos entre nós como ações discursivas que, tendo sido concebidos, postos em circulação e absorvidos em determinados contextos históricos, consubstanciaram leituras sobre a terra e a gente do Brasil que (1) vão além das informações históricas, dos “fatos positivos” contidos em sua superfície, e, exatamente por cristalizarem ideologias e estratégias de poder, normalmente etnocêntricas, (2) ultrapassam o momento cronológico de sua produção, penetrando intertextualmente em discursos historiográficos ulteriores. O desenvolvimento mais recente dos estudos da linguagem na comunicação humana propõe – evidentemente que não mais nos marcos equivocadamente pretensiosos do estruturalismo, que se autoconcebia como a “ciência das ciências” (cf. ROBIN: 1-39) – um novo olhar sobre o discurso enquanto ação social concreta, desta vez não apenas como veículo, mas como agenciador de uma nova materialidade histórica, socialmente concreta (cf. FAIRCLOUGH, 2001).

Isto afeta a análise lingüística dos relatos de viagens. Pela própria natureza interdiscursiva, certos elementos contidos nos relatos de viajantes, originalmente produzidos por circunstâncias cotidianas ou conjunturais, podem infiltrar-se nos estudos sistemáticos da história fixados ou solidificados como “fatos estruturais”. Haja vista que estes relatos atendiam a necessidades ideológicas das próprias elites e camadas médias brasileiras e/ou foram efetivamente por elas assimilados, impõe-se que eles sejam analisados de forma crítica, não ingênua, pela historiografia contemporânea (cf. LIMA: 29).

A hipótese inicial de que parto, num projeto de pesquisa ora desenvolvido junto ao Programa Interdisciplinar de Mestrado em Lingüística Aplicada da UFRJ, é a de que diversas construções discursivas, postas em circulação pelos viajantes europeus no Rio de Janeiro nos séculos XVIII e XIX, são fundamentalmente as mesmas com as quais o brasileiro constituiu sua identidade nacional, ou seja, com as quais passou a enxergar e a falar sobre si mesmo. Isto certamente também diz respeito à escrita da história. Se esta hipótese estiver correta em suas premissas, torna-se necessária uma abordagem lingüística específica dos relatos de viajantes

¹ “A palavra acompanha e comenta todo ato ideológico. Os processos de compreensão de todos os atos ideológicos (um quadro, uma peça musical, um ritual ou um comportamento humano) não podem operar sem a participação do discurso interior. Todas as manifestações da criação ideológica – todos os signos não-verbais – banham-se no discurso e não podem ser totalmente isoladas nem totalmente separadas dele.” Bakhtin, 1999: 38.

no Brasil. Um dos aspectos fundamentais desta abordagem é o reconhecimento e análise dos elementos estéticos destes relatos.

Falemos um pouco deste assunto, ainda que superficialmente.

Na segunda metade do século XVIII, observou-se uma importante mudança de paradigma estético no contexto europeu. Trata-se da emergência do romance como principal meio de expressão literária, desbancando o gênero dramático até então predominante. No contexto de língua alemã, que é o que me interessa centralmente neste momento de minha pesquisa, os romances do *Sturm und Drang*, do “Classicismo de Weimar” e do Romantismo não somente acompanham a formação de um novo público leitor e do mercado editorial em ascensão, como passam a ditar os rumos de toda a literatura e o gosto do público leitor de toda a Europa (cf. BEUTIN: 147-201). Inseridos nesta produção editorial, os relatos de viagens acompanham estas novas tendências e tornam-se objetos de fruição literária cada vez mais difundidos.² Pela sua própria natureza discursiva, de cunho autobiográfico, os relatos de viajantes lançam mão freqüentemente de elementos pertencentes a uma esfera de produção textual marcadamente estética, isto é, que expressam certa “transgrediência” do autor-escritor com relação ao mundo vivenciado.³ Nestas circunstâncias estetizantes, por conseguinte, estes autores-vivenciadores requerem a enformação de si próprios como personagens que, por sua natureza axiológica, jamais poderiam ser confundidos pelos historiadores com os seus autores-escritores.⁴ Por mais que estejam próximos um do outro na narrativa autobiográfica, as instâncias narrativas do autor e de sua personagem pertencem a dois mundos axiologicamente distintos e irreduzíveis, e não podem ser ingenuamente confundidos como uma única e indivisa instância.

2. Relatos de viajantes como discursos. Entre a informação histórica e o entretenimento.

Miriam Lifschitz Moreira defende a utilização dos relatos de viajantes como fontes da história social da população brasileira (MOREIRA, 1997, p. 9-26), desde que passados por

² Na realidade, esta tendência vinha se verificando desde o século XVIII. Em sua autobiografia *Poesia e Verdade* (escrita entre 1810 -31), Goethe observa que seu avô era já nos idos dos anos de 1750 fã da “literatura de viagem” (GOETHE: 31).

³ Inúmeros exemplos corroboram esta tese da “transgrediência” e do tratamento estético da matéria narrada, que passa a se constituir ao leitor como conto, novela ou mesmo romance, marcados pelo tom satírico, irônico, idílico, épico, trágico etc. Alguns autores admitem abertamente este fazer literário, como o faz Carl Vollmer, que ressalta no prefácio de seu livro que a “tentativa de um tratamento estético dado a este grande objeto deve desculpar suas outras carências” (VOLLMER: vi).

⁴ Sobre o conceito de “transgrediência” e o fazer estético ver BAKHTIN, 2003, e particularmente pp. 180-186.

um “crivo analítico, que torne válida a sua contribuição”. Assim ela fundamenta a sua tentativa de aproveitamento destes relatos:

em sua qualidade de estrangeiro, como não fazia parte do grupo cultural visitado, [o viajante] tinha condições de perceber aspectos, incoerências e contradições da vida cotidiana que o habitante, ao dá-la como natural e permanente, encontrava-se incapaz de perceber. (MOREIRA, 1997, p. 9-10).

Tal qualidade do viajante é considerada por Miriam Lifschitz como essencialmente proveitosa. No entanto, ela percebe que o *locus* narrativo do viajante carrega em si armadilhas ideológicas perigosas, haja vista que ele “traz a postura do civilizado diante do povo atrasado” e demonstra uma dificuldade de se desprender “de sua cultura de origem para observar e repensar a população visitada” (idem: 10).

Lifschitz mostra-se plenamente consciente do fato – carregado de conseqüências discursivas – de que a atitude ideológica do viajante estrangeiro traz, para efeito de comparação com o *mundo observado*, inúmeros preconceitos e pressupostos ideológicos que podem até certo ponto comprometer a objetividade de suas descrições, e deixa um alerta implícito de que esta objetividade pode ser até mesmo adulterada.

Se deixo grafado em itálico a expressão *mundo observado* é porque desejo propositalmente contrastá-la com o seu contrário imediatamente evocado, isto é, o *mundo não-observado*. Aspecto inexplorado na reflexão de Lifschitz, mas não menos carregado de conseqüências discursivas, é o fato (não mencionado pela estudiosa, conquanto claramente intuído por ela) de que a carga ideológica do viajante europeu no estrangeiro *impede-o drasticamente* de interagir discursivamente com o habitante local (não exclusivamente por razões lingüísticas, idiomáticas estritas, mas por visões de mundo diferenciadas), e, por conseguinte, de construir uma narrativa totalizante sob certos aspectos minimamente objetiva. A descrição perde em objetividade não pelo que ela aporta de equivocado e/ou adulterado, mas essencialmente pelo que ela *omite*, pelo que *permanece inobservado* na prática social e discursiva do viajante.

O modo como o europeu ocidental observava o mundo no século XIX tinha suas raízes fincadas no Iluminismo. A partir do século XVIII, o cientista iluminista impôs-se como tarefa sistemática reordenar todos os aspectos do mundo empírico em uma nova totalidade gnosiológica de modo radicalmente oposto ao anterior. Se até o início do século XVIII o historiador ainda estabelecia princípios ou sistemas filosóficos como molduras prévias através

das quais os fenômenos da vida social eram compreendidos *a posteriori* em termos históricos⁵, à medida que o século XVIII avança é da observação empírica dos fenômenos singulares que se passa a inferir historicidade aos fatos observados.

No final do século XVIII e no início do século XIX os viajantes naturalistas imprimem em seus relatos a marca da observação objetiva, inapelável, porquanto sancionada por um olhar que se limita a esquadriñar com “neutralidade” o que vê, pois evita de forma declarada o apriorismo filosófico na análise do fato singular. Tal “pretensão” de objetividade imprime no processo de interação leitor-narrador a marca de uma “objetividade” falaciosa, posto que em última análise ela não faz mais do que ocultar os sérios problemas epistemológicos contidos no texto – mesmo quando estes textos se fazem passar por puro entretenimento. Aquilo que o viajante europeu (no nosso caso: de língua alemã) não pôde/conseguiu observar por limitações ideológicas próprias, e por conseqüência não pôde/conseguiu relatar, é (des)percebido pelo leitor como elemento “insignificante”, confundido com “não-relevante”. E este se sente tranqüilo para interagir assim com o texto, pois este tem a chancela freqüente da autoridade abalizada do viajante como “homem de cultura”.

3. O Rio de Janeiro no olhar de viajantes alemães nos séculos XVIII e XIX. Perspectivas e desdobramentos possíveis da pesquisa.

Com base nesta angulação, venho realizando a análise do discurso de diversos relatos de viajantes ao Rio de Janeiro nos séculos XVIII e XIX. A constatação da existência de um olhar “transgrediente” tem como implica centralmente a necessidade de um tratamento adequado ao material analisado. O olhar que abarca o lugar e o tempo delimitando-os como uma totalidade histórica, na qual o autor-personagem autobiográfico atua, atenua a circunstância daquela transgrediência, ou daquele “excedente” do olhar, mas não a suprime.⁶ É precisamente esta transgrediência, ou “excedente” de visão, no jargão de Bakhtin (2001: 3-21) o responsável pelo tratamento estético – se quisermos: literário – do contexto social e dos personagens que tem função estruturante em diversas narrativas de viajantes que venho

⁵ Cassirer descreve em detalhes o trajeto das ciências naturais em CASSIRER, 1997, p. 65-134.

⁶ “Entre todos os valores artísticos, o biográfico é o menos transgrediente à autoconsciência; por isso, na biografia o autor está mais próximo do herói desta, os dois como que podem trocar de lugar, e por esta razão é possível a coincidência pessoal entre personagem e autor além dos limites do todo artístico” (BAKHTIN, 2001: 139).

analisando.⁷ Evidentemente que os limites deste pequeno texto não permite que avancemos na hipótese de trabalho sugerida pelo potencial estético dos relatos que analisamos brevemente. Isto será tarefa para um ensaio mais longo. Limite-me a fornecer breves exemplos que venham pelo menos a apontar para análises posteriores de maior envergadura. Se a presente perspectiva de trabalho despertar interesse no leitor destas linhas, então ele terá alcançado o seu objetivo.

Apêndice 1:

Carl Gottfried Wilhelm Vollmer. *Quadros da natureza e dos costumes dos países tropicais. Esboços de uma viagem pela América do Sul e ao redor do mundo em 14 aulas, 1829.*⁸

O vento não nos permitia avançarmos para a terra com suficiente velocidade; por isso escureceu antes de chegarmos lá, e tivemos que lançar a âncora no mar. À noite havia uma extensa série de fogueiras de vigilância ao longo da margem, uma vista muito interessante das mesmas, e subitamente vimos uma tão próxima de nós que acreditamos que a âncora não se fixara, que ela havia se arrastado e permitido que nos movêssemos até a margem. No mais alto pavor diante do iminente perigo de encalhe e naufrágio, o capitão mandou içar a vela para se afastar da costa com o vento terrestre. Mal a ordem foi dada, a cada vez mais potente magnitude do fogo próximo fez-nos supor que isto não poderia ser uma fogueira de vigilância; logo os sinalizadores de emergência disparados mostraram um navio em chamas. Agora o capitão via que talvez não encalhasse, só que a proximidade do navio em chamas pôs-lhe um medo ainda maior. Foram atados ao cabo da âncora vários barris vazios, pois não havia tempo de içá-lo; então nos afastamos cerca de 1000 braças (6000 pés), e de lá pudemos visualizar claramente o belo espetáculo aterrorizante com toda a terrível majestade. Minha luneta mostrou-me marinheiros pendurados por todo o cordame já lambido pelo fogo, ocupados em recolher as velas em chama; baldes de couro subiam e desciam voando em longas cordas; em tentativas de salvação tudo era visto correndo para lá e para cá; então espocaram novamente os sinalizadores de emergência através do silêncio da madrugada, e então as velas tomadas por todos os lados flamejaram lá nas alturas; então o casco do navio foi tomado de cheio pelas chamas, as traves despencavam agora sobre o convés; então desabaram os mastros e partiram-se, e no brilho cada vez mais claro pode-se perceber como as pessoas saíam como que de uma abertura lateral do navio para o bote, só que era tarde demais; no instante em que elas eram expelidas de bordo ocorreu uma terrível explosão, o firmamento pareceu por um instante estar em chamas, o nosso navio tremeu e eu vi como o rude capitão, agarrado convulsivamente no corrimão, com o corpo muito debruçado sobre este e olhando fixamente para lá, neste momento tremeu, chegando a bater os dentes. Tudo então se tornou noite e silêncio sepulcral – não se ouviu nenhuma respiração, até que o capitão, esfregando o suor frio da testa, gritou: agora, meninos, é tempo de salvar o que dá para ser salvo.

Os botes que neste entremeio ficaram expostos encheram-se, todos os três, com marinheiros e soldados, e mesmo o capitão não ficou para trás; nós acendemos

⁷ Os textos que nos servem como exemplos foram todos traduzidos por mim, no âmbito do projeto que desenvolvo como bolsista da Biblioteca Nacional intitulado “O Rio de Janeiro no olhar dos viajantes alemães nos séculos XVIII e XIX”.

⁸ VOLLMER, Carl Gottfried Wilhelm. *Natur und Sittengemälde der Tropen-Länder. Skizzen eine Reise durch Südamerika und um die Welt in 14 Vorlesungen*. 2a. ed. München: Bey Friedrich Wilhelm Michaelis, 1829.

grandes lanternas na parte de trás e da frente dos botes, e fazíamos de tempos e tempos sinais com disparos de canhoneira, um sinal para as vítimas de que o socorro estava a caminho, que, como disse o capitão, não pode ser prestado anteriormente, pois senão nós todos teríamos sido tragados, como a embarcação dos infelizes.

Nós chegamos lá, onde ruínas nos indicavam que ali tinha ocorrido o incidente; só que nós não vimos nem ouvimos ninguém. Após várias horas de busca retornamos a bordo, e no primeiro raiar do dia eu estava na gávea, olhando pela minha boa luneta se algum acidentado ainda estaria sobre as ondas. Até nossa entrada no porto eu fiquei assim – bastantes escolhos, tábuas, mastros, semicarbonizados, mas ninguém sobre eles, a quem minha diligência tivesse podido ser útil. Tubarões indicavam que tinham feito boa presa – o navio afundara com Deus e o mundo! (VOLLMER: 41-44)

Apêndice 2:

Ida Pfeiffer. *Viagem de uma mulher em torno do mundo. Viagem de Viena para o Brasil, Chile, Taiti, Índia Oriental, Pérsia e Ásia Menor*, 1850.⁹

A presença freqüente de tropas conduzidas por negros, bem como de esporádicas pessoas a pé que encontrávamos, aliviava-nos de todo temor, de modo que nos passou despercebido o fato de estarmos sendo continuamente seguidos por um negro.

Mas, quando nos achamos sozinhos num trecho isolado, ele subitamente pulou à nossa frente, com uma longa faca numa mão, segurando na outra um laço, irrompeu em nossa direção, e deu a entender mais com gestos do que com palavras que tencionava assassinar-nos e arrastar-nos para a floresta.

Nós não portávamos armas, porque nos descreveram esta excursão como sendo totalmente sem perigo, e, para nos defendermos, tínhamos somente nossos guarda-chuvas. Além deles eu possuía ainda um canivete, que puxei imediatamente da bolsa e abri, firmemente decidida a defender a minha vida com unhas e dentes. Com os guarda-chuvas, defendemo-nos dos golpes da melhor maneira possível. Mas aqueles não resistiram muito tempo; além disso, o negro conseguiu agarrar o meu – nós o disputamos em luta. Ele se partiu, e restou apenas uma partezinha do cabo na mão; mas nesta disputa a faca caiu de suas mãos e rolou para alguns passos dali – rapidamente lancei-me naquela direção, e já acreditava que ia apanhá-la quando ele, mais rápido do que eu, empurrou-me dali com a mão e com o pé, e apoderou-se dela novamente. Ele vibrou-a enfurecido sobre a minha cabeça e me impingiu dois ferimentos, um furo e um corte profundo, ambos na parte superior do braço esquerdo; considere-me então perdida, e somente por desespero tive ainda coragem de fazer uso de minha faca. Dei um golpe no peito do negro, ele o aparou; eu somente fiz-lhe uma ferida considerável na mão. O conde pulou sobre ele, agarrando o sujeito por trás, com o que eu tive a oportunidade de levantar-me novamente do chão. Tudo isso ocorreu num intervalo de alguns instantes. A ferida recebida deixou o negro furioso; ele arreganhou os dentes em nossa direção, como um animal selvagem, e brandiu a sua faca com uma rapidez espantosa. O conde logo recebeu também um corte sobre a mão inteira, e nós estaríamos infalivelmente perdidos, não tivesse Deus nos enviado ajuda. Nós percebemos um galope sobre o calçamento, e imediatamente o negro deixou-nos e pulou para dentro da floresta. Logo em seguida, dois cavaleiros dobraram a esquina da estrada; corremos em sua direção; as feridas sangrando desatadamente, e os nossos guarda-chuvas destroçados deixaram rapidamente clara a nossa situação. Eles nos interrogaram sobre a direção tomada

⁹ PFEIFFER, Ida. *Eine Frauenfahrt um die Welt. Reise von Wien nach Brasilien, Chili, Otahaiti, China, Wien, Ost-Indien, Persien und Kleinasien*. Wien: Carl Gerold, 1850, vol. 1

pelo fugitivo, pularam dos cavalos e tentaram ir ao seu encalço. Mas os seus esforços teriam sido em vão, não fosse a chegada de dois negros vindo pela estrada, que lhe prestaram ajuda e logo capturaram o sujeito. (...)

Ele foi amarrado, e, como não queria andar, ganhou uma surra considerável, particularmente sobre a cabeça, de tal modo que eu tive medo de que tivessem amassado o crânio do pobre homem. Contudo, ele contorceu a sua face e permaneceu deitado no chão como se estivesse petrificado. Os dois negros tiveram que o agarrar para levantá-lo e carregá-lo até a casa mais próxima; enquanto isso ele mordia tudo à sua volta, parecendo um animal raivoso. Os nossos salvadores, bem como o conde e eu os acompanhamos; nossas feridas receberam ataduras, e nós prosseguimos nossa caminhada, certamente que não sem algum medo, particularmente quando encontrávamos um ou vários negros, mas sem qualquer outro incidente, e sempre admirando a encantadora paisagem (PFEIFFER :71-73).

Referências bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 4ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 9a. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

BEUTIN, Wolfgang et alii. *Deutsche Literaturgeschichte. Von den Anfängen bis zur Gegenwart*. 2ª. ed. Stuttgart: J. B. Metzler, 1984.

CASSIRER, Ernst. *A filosofia do Iluminismo*. 3ª. ed., trad. de Álvaro Cabral. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Edunb, 2001.

GOETHE, Johann Wolfgang von. *Poesia e Verdade. Memórias*. Porto Alegre: Editora Globo, 1971, 2 v.

LEITE, Miriam Lifschitz Moreira. *Livros de viagem (1803-1900)*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.

LIMA, Madalena Quaresma. *Aspectos da vida cotidiana na cidade do Rio de Janeiro na visão de três viajantes estrangeiros: Debret, Rugendas e Maria Graham*. Dissertação de Mestrado na UERJ. Rio de Janeiro: 2000, mimeo.

PFEIFFER, Ida. *Eine Frauenfahrt um die Welt. Reise von Wien nach Brasilien, Chili, Otahaiti, China, Wien, Ost-Indien, Persien und Kleinasien*. Wien: Carl Gerold, 1850, vol. 1

PRATT, Mary Louise. *Os Olhos do Império: relatos de viagens e transculturação*, Tradução de Jézio Hernani Bonfim Gutierrez, Bauru: EDUSC, 1999.

ROBIN, Regine. *História e Lingüística*. São Paulo: Editora Cultrix, 1977.

VOLLMER, Carl Gottfried Wilhelm. *Natur und Sittengemälde der Tropen-Länder. Skizzen eine Reise durch Südamerika und um die Welt in 14 Vorlesungen*. 2a. ed. München: Bey Friedrich Wilhelm Michaelis, 1829.